

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

LINDIANE DOS SANTOS SILVA

**O AVIVAMENTO DA RUA AZUSA: EXPERIÊNCIAS QUE MOLDARAM A
TEOLOGIA PENTECOSTAL**

São Paulo
2025

LINDIANE DOS SANTOS SILVA

**O AVIVAMENTO DA RUA AZUSA: EXPERIÊNCIAS QUE MOLDARAM A
TEOLOGIA PENTECOSTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito final para obtenção do título de
Bacharel em Teologia da Faculdade Teológica
Batista de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Alves.

São Paulo
2025

Silva Lindiane dos Santos

O avivamento da rua Azusa: experiências que moldaram a teologia pentecostal. / Lindiane dos Santos Silva. – São Paulo: 2025.

45 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Teologia) - Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Alves

1. Pentecostalismo 2. Avivamento da Rua Azusa 3. Batismo no Espírito Santo 4. Glossolalia 5. Dons espirituais I. Título.

CDD 270.82

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

LINDIANE DOS SANTOS SILVA

**O AVIVAMENTO DA RUA AZUSA: EXPERIÊNCIAS QUE MOLDARAM A TEOLGIA
PENTECOSTAL**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luciano Alves – Orientador

Prof. Dr. Emmanuel Athayde – Leitor

São Paulo
2025

DEDICATÓRIA

A Deus, por ter me capacitado a chegar até aqui.

Ao meu marido Gilson,

por todo apoio e encorajamento.

Aos meus filhos,

que me inspiram a ser melhor.

Aos meus pais,

que sempre me incentivaram a vencer os obstáculos.

Aos meus pastores Elias, Joinvile e Jeremias,

que sempre estiveram dispostos a me orientar e aconselhar.

Ao meu professor e mestre Luciano Alves, meu orientador,

pela paciência e disposição em ajudar a trilhar esse caminho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço de coração:

A Deus, pela sabedoria, força e amparo.

Ao meu marido, filhos e demais familiares pelas horas de compreensão, por tolerância de minha ausência e pela ajuda tão necessária.

Ao meu professor Luciano Alves, meu orientador, por compartilhar comigo seu conhecimento e pela paciência nos momentos de orientação.

A minha igreja, por me apoiar em tudo.

RESUMO

Esta pesquisa visa abordar os temas sobre a história do Pentecostalismo e as experiências que moldaram a teologia pentecostal, tendo em vista a necessidade de compreender as raízes históricas e teológicas do movimento, principalmente no que se refere os dons espirituais, a fim de analisar a contribuição do Avivamento da Rua Azusa para a compreensão pentecostal dos dons espirituais. Para tanto, é necessário analisar o contexto histórico do Pentecostalismo a partir de Charles Parham, identificar as principais experiências espirituais ocorridas durante o Avivamento da Rua Azusa, avaliar a influência dessas experiências espirituais na formulação das doutrinas pentecostais e refletir sobre o impacto dessa compreensão na prática eclesial e teológica do pentecostalismo contemporâneo. Realiza-se, então, uma pesquisa descritiva qualitativa com levantamento bibliográfico e análise histórica e teológica, a partir de relatos de autores como Synan (2020), Bartlemam (1925), Blumhofer (1993), Anderson (2004), dentre outros. Diante disso, verifica-se que o ambiente em Azusa, onde Seymour, com seu foco no batismo no Espírito Santo e na evidência inicial do falar em línguas, estabeleceu o padrão de uma prática que, mais tarde moldaria a teologia pentecostal. Além disso, o caráter inclusivo do avivamento, em um contexto de segregação racial, mostrou que o acesso às manifestações e ao poder de Deus não se limitava a um grupo específico, pelo contrário, é concedido de forma igualitária a todos. Assim, o que aconteceu em Azusa, forjou e influenciou a prática comunitária das igrejas pentecostais, o que impõe a constatação de que os dons espirituais não surgiram apenas de reflexões, mas de práticas vivenciadas em comunidade. O trabalho foi desenvolvido para a ampliação do debate sobre o tema.

Palavras-chave: Pentecostalismo. Avivamento da Rua Azusa. Batismo no Espírito Santo. Glossolalia. Dons espirituais.

ABSTRACT

This research aims to address the history of Pentecostalism and the experiences that shaped Pentecostal theology, considering the need to understand the historical and theological roots of the movement, especially regarding spiritual gifts, in order to analyze the contribution of the Azusa Street Revival to the Pentecostal understanding of spiritual gifts. To this end, it is necessary to analyze the historical context of Pentecostalism from the perspective of Charles Parham, identify the main spiritual experiences that occurred during the Azusa Street Revival, evaluate the influence of these spiritual experiences on the formulation of Pentecostal doctrines, and reflect on the impact of this understanding on the ecclesial and theological practice of contemporary Pentecostalism. Therefore, a qualitative descriptive research is carried out with bibliographic research and historical and theological analysis, based on accounts from authors such as Synan (2020), Bartleman (1925), Blumhofer (1993), Anderson (2004), among others. Given this, it is clear that the environment in Azusa Street, where Seymour, with his focus on baptism in the Holy Spirit and the initial evidence of speaking in tongues, established the pattern for a practice that would later shape Pentecostal theology. Furthermore, the inclusive nature of the revival, in a context of racial segregation, showed that access to the manifestations and power of God is not limited to a specific group; on the contrary, it is granted equally to all. Thus, what happened in Azusa Street forged and influenced the communal practice of Pentecostal churches, which leads to the conclusion that spiritual gifts did not arise merely from reflection, but from practices experienced in community. This work was developed to broaden the debate on the subject.

Keywords: Pentecostalism. Azusa Street Revival. Baptism in the Holy Spirit. Glossolalia. Spiritual gifts.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 8 |
| 1 O MOVIMENTO PENTECOSTAL E AS EXPERIÊNCIAS DO AVIVAMENTO DA RUA AZUSA | 10 |
| 1.1 Charles Parham e as primeiras formulações do Pentecostalismo..... | 10 |
| 1.2 William Seymour e o Avivamento da Rua Azusa | 12 |
| 1.3 Os dons e as manifestações espirituais em Azusa..... | 15 |
| 1.4 A chegada do Pentecostalismo ao Brasil | 18 |
| 2 O BATISMO NO ESPÍRITO SANTO E AS MANIFESTAÇÕES DOS DONS | 23 |
| 2.1 Alguns autores e suas definições do batismo no Espírito Santo | 23 |
| 2.2 Os dons resultantes do batismo no Espírito Santo | 26 |
| 2.3 O falar em línguas (glossolalia) | 28 |
| 2.4 Dentre os dons, a proeminência da profecia..... | 30 |
| 2.5 As demais manifestações dos dons | 31 |
| 3 AS IMPLICAÇÕES DOS DONS ESPIRITUAIS PARA OS DE DENTRO E OS DE FORA DA IGREJA..... | 34 |
| 3.1 A edificação interna da igreja através dos dons..... | 34 |
| 3.2 O papel dos dons na prática pastoral e comunitária | 37 |
| 3.3 O testemunho dos dons diante do mundo..... | 38 |
| 3.4 Desafios e discernimento no uso dos dons..... | 40 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 43 |
| REFERÊNCIAS..... | 45 |

INTRODUÇÃO

O Avivamento da Rua Azusa se constitui como marco fundamental na história do Cristianismo global. Tendo origem na busca espiritual de William J. Seymour no início do século XX, em um contexto marcado pela segregação racial, o movimento rompeu barreiras sociais por meio da inclusão em sua experiência espiritual. Esta pesquisa propõe-se a analisar a contribuição do Avivamento da Rua Azusa para a compreensão pentecostal dos dons espirituais. Por isso, faz-se necessário analisar o contexto do Pentecostalismo a partir de Charles Parham, identificar as principais experiências espirituais ocorridas durante o avivamento da Rua Azusa, avaliar a influência dessas experiências espirituais na formulação das doutrinas pentecostais e refletir sobre o impacto dessa compreensão na prática eclesial e teológica do pentecostalismo contemporâneo. As manifestações carismáticas ocorridas naquele ambiente ilustram de que maneira a teologia e a prática das igrejas pentecostais ao redor do mundo, especialmente no Brasil, compreendem a contemporaneidade dos dons, analisando como tais experiências influenciaram e moldaram a identidade teológica e prática do pentecostalismo, justificando sua relevância acadêmica e prática.

A presente pesquisa foi baseada em uma abordagem descritiva qualitativa, com foco em fontes bibliográficas e orientada pelas análises históricas e teológicas, pensando, especialmente autores como Synan (2020), Bartleman (1925), Blumhofer (1993), Anderson (2004) e Hollenweger (1972) que contextualizam a história do Pentecostalismo e as suas manifestações espirituais. No contexto brasileiro, autores como Conde (2024), Berg (2024) e Vingren (2024) nos auxiliam a pensar o crescimento do Pentecostalismo e seus desdobramentos. Além destes também, Horton (1996), Fee (1997), Macchia (2024), Menzies e Menzies (2002), dentre outros, nos apresentaram importantes definições e implicações das manifestações carismáticas.

A problematização dessa pesquisa reside em compreender como as experiências carismáticas do Avivamento da Rua Azusa contribuíram para a formulação da compreensão pentecostal sobre os dons espirituais e de que maneira esse entendimento influenciou e moldou a teologia e prática das igrejas pentecostais contemporâneas. Além dos problemas específicos que visam compreender a maneira

de como o avivamento da Rua Azusa influenciou a compreensão pentecostal dos dons espirituais, como as manifestações espirituais no avivamento da Rua Azusa impactou a construção da teologia pentecostal sobre os dons e a maneira como os relatos de dons espirituais no avivamento da Rua Azusa contribuíram para a formulação da doutrina e prática pentecostal.

Nossas hipóteses são que as manifestações ocorridas na Rua Azusa, como a glossolalia e o batismo no Espírito Santo, foram cruciais para a estruturação da teologia dos dons. Estas práticas não apenas moldaram a liturgia das igrejas pentecostais, mas definiram sua identidade teológica frente a outras denominações. Esse modelo de espiritualidade foi o motor principal da expansão do movimento em escala mundial e, especificamente, de sua consolidação no Brasil. Portanto, este trabalho não visa apenas compreender o contexto histórico, mas avaliar a influência das experiências espirituais na formulação da doutrina pentecostal. Explorando os dons espirituais manifestos no passado, para compreender o impacto na prática eclesial e teológica do pentecostalismo atual.

1 O MOVIMENTO PENTECOSTAL E AS EXPERIÊNCIAS DO AVIVAMENTO DA RUA AZUSA

Nesse primeiro capítulo investigamos como os Estados Unidos testemunharam um dos movimentos religiosos mais transformadores na história do Cristianismo no início do século XX. Introduzimos o tema da nossa investigação com Charles Parham, figura principal do Pentecostalismo e suas formulações iniciais da “evidência inicial do falar em línguas”, subsequente, ao batismo no Espírito Santo.

Investigamos também como o ensino de Parham influenciou William Seymour e seu movimento da Rua Azusa. Um homem simples que desafiou as barreiras sociais. Além de, também analisarmos o contexto dos dons e das manifestações espirituais em Azusa, um avivamento marcado por experiências intensas que ajudaram a romper com posições sociais e raciais, unindo pessoas que compartilhavam experiências de fé de diferentes perspectivas.

Por fim, seguimos o curso de como este movimento rompeu fronteiras e chegou ao Brasil, através de missionários influenciados pelo Avivamento de Azusa.

1.1 Charles Parham e as primeiras formulações do Pentecostalismo

Charles Fox Parham nasce em Muscatine, no estado de Iowa, região centro-oeste dos Estados Unidos, em 4 de junho de 1873, e enfrenta, durante sua adolescência e juventude, o sofrimento causado pela enfermidade e pelo luto. No entanto, nenhuma das circunstâncias vividas o impede de acreditar em seu chamado. Ele começa estudar a Bíblia e, logo em seguida, ingressa na Faculdade Sudoeste, no Kansas, em 1889.

Ao cursar medicina, é acometido por uma febre reumática, ficando acamado. Nesse processo, passa a ler passagens bíblicas, aos quais o levam a refletir que possivelmente Deus o estaria castigando. Por esse motivo, decide abandonar a medicina e retornar ao ministério (Owens *apud* Synan, 2020, p. 64).

De acordo com Edith Blumhofer (1993, p. 45), em 1893, em Eudora, no Kansas, Parham se torna pastor substituto por um curto período. Entretanto, seu ministério se torna improdutivo (apenas uma conversão após dois anos), e ele enfrenta problemas com os seus superiores. Parham rompe com o Metodismo e inicia o Movimento de

Santidade¹, pois, possuía uma tendência a interpretações inovadoras das Escrituras, que geraram polêmicas entre os que seguem a ortodoxia tradicional. Essa interpretação foi o que o levou a enxergar o livro de Atos não apenas como relato histórico, mas como experiência prática aplicável para os dias atuais. Blumhofer o apresenta como uma pessoa decidida e sensível em liderar e em buscar atender às necessidades religiosas em relação à intenção de Deus em realizar os mesmos fenômenos (inspiradores) no período contemporâneo, assim como ocorreu no cristianismo primitivo (1993, p. 44).

Assim, em Topeka, no Kansas, funda a Escola Bíblica de Betel. Seus alunos recebem a missão de encontrar nas Escrituras uma evidência do batismo com Espírito Santo, enquanto ele parte para uma viagem de três dias. Ao retornar, todos unanimemente concluem que o falar em línguas é o sinal (Anderson, 2004, p. 34).

Robert Owens (2020, p. 66) relata que, durante um culto realizado em 31 de dezembro de 1900, uma aluna recebe o batismo com o Espírito Santo e começa a falar em novas línguas. Agnes N. Ozman, fala chinês por três dias consecutivos e não consegue escrever ou falar em inglês. Posteriormente, outros alunos também falam em diversas línguas. Dessa forma, Parham passa a ensinar que ninguém precisaria estudar outros idiomas para missões, pois o Espírito Santo se encarregaria disso por meio do batismo (Araújo, 2024, p. 601).

O fato ocorrido com Agnes Ozman estava longe de ser um acontecimento isolado, pois essa experiência, mais tarde se consolidaria na formulação da doutrina pentecostal. A visão de Parham demonstrou que era necessária uma experiência profunda para responder a expectativa missionária da época, pois capacitava os crentes para evangelização das nações.

Parham encerra o seu trabalho em Topeka e inicia em uma turnê de quatro anos, pregando em missões de santidade no Kansas e no Missouri, nas quais muitas pessoas passam pela experiência de falar em línguas e de cura. Em seguida, abre outra escola bíblica em Houston, no Texas, onde vinte alunos se matriculam, incluindo William Joseph Seymour, que assistia às aulas da porta do corredor (Owens *apud* Synan, 2020, pp. 66-67; Anderson, 2004, p. 39). Compreende-se que esse período

¹ Do inglês “Holiness Moviment”, nasceu em 1766, quando os metodistas que vieram para América do Norte tentaram reformar as instituições metodistas, na tentativa de adequá-las às práticas dos acampamentos avivalistas (*camp meeting*), por estarem se voltando para santidade (Araújo, 2024, p. 587).

reforçou a convicção de Parham de que as manifestações confirmavam a ligação com a presença do Espírito e de que elas deveriam fazer parte da vida cristã.

Conforme relata Anderson (2004, p. 34), Parham é reconhecido como o formulador da doutrina pentecostal, que defende o batismo com o Espírito Santo como terceira bênção, além de ser o fundador do movimento que se intitulou Missão da Fé Apostólica.

1.2 William Seymour e o Avivamento da Rua Azusa

Segundo o documentário *Avivamento da Rua Azusa* (2016)², William J. Seymour, afro-americano, filho de ex-escravos e ex-aluno de Charles Parham, é reconhecido como o principal líder norte-americano e aquele que exerce maior influência no século XX. A abordagem de Seymour foi importante para o avivamento de Azusa, pois desafiou as normas sociais americanas, tornando-se um evento singular.

Anderson (2004, p. 39) destaca que Seymour foi um homem espiritual, dedicado à oração e de vida simples, que, apesar de viver em um contexto marcado pelo racismo e pela exclusão, se sobressaiu por sua postura acolhedora e inclusiva. A liderança de Seymour deve ser compreendida não apenas por sua busca espiritual, mas também como uma resposta teológica a um ambiente de segregação. Assim, a simplicidade de Seymour, não se limitava a congregar pessoas, mas buscava apresentar uma realidade social, que se baseava na experiência dos dons espirituais.

De acordo com Campos (2005, p. 111), Seymour nasceu na Louisiana, onde quase metade da população era formada por ex-escravos, a tensão racial era forte e terroristas (Ku Klux Klan) atuavam na região. Rey (2023)³ relata que as leis raciais eram rígidas, não permitindo que pessoas negras frequentassem os mesmos espaços que os brancos, como escolas, igrejas e outros ambientes sociais. Além disso, negros não podiam sair de casa ao final do dia (Welchel, 2013, p. 38).

² Documentário produzido em comemoração aos 100 anos de renascimento da Rua Azusa. Produzido por: Tim Storey and Leon Isaac Kennedy. Acesso em 27/08/2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dDHGONb5G6o&t=188s>

³ Publicado por Beatriz Raponi Vence Rey. Em 20/03/2023. Disponível em: <https://www.politize.com.br/leis-jim-crow/>

Segundo Campos (2005, p. 111), na infância, Seymour foi católico; na adolescência, frequenta a igreja Batista, mas, aos 25 anos, torna-se membro da igreja Metodista e, ao mudar-se para Houston, entre os anos 1902 e 1903, une-se ao Movimento de Santidade.

Conforme Anderson (2004, p. 39), Charles Parham funda uma escola bíblica em Houston, em 1905, e Seymour nela se matricula, mas precisa assistir às aulas do corredor, fora da sala. Nesse local, ele torna-se adepto aos ensinamentos de Parham sobre o batismo no Espírito Santo. Compreende-se que o ambiente em que Seymour estava inserido ilustrou a questão da segregação, como também forneceu base para que mais tarde o movimento fosse conhecido como inclusivo, além de fornecer, posteriormente, as bases doutrinárias pentecostal pela vivência ocorrida.

De acordo com Hollenweger (1972, p. 22), Neely Terry convida Seymour para ir a Los Angeles. No local, ele prega com base em Atos 2:4, mas os membros da igreja da Santidade não aceitam seu ensino, expulsando-o. No entanto, um membro da mesma igreja o hospeda em sua casa, onde Seymour passa a realizar reuniões. Na então Rua Bonnie Brae Street, 214 (posteriormente alterada para 216), inicia-se a experiência espiritual conhecida como "falar em línguas". Conforme o documentário *Avivamento da Rua Azusa* (2016), Seymour realiza um jejum de dez dias, iniciado em 6 de abril de 1906. Synan (1971, p. 106) destaca que, na noite de 9 de abril, Seymour, juntamente com outros presentes, entra em êxtase, e passa a falar em línguas. Ali, muitas pessoas vivenciam o batismo no Espírito Santo, segundo o Pentecostalismo Clássico⁴. A futura esposa de Seymour, Jennie Evans Moore também tem a mesma experiência: canta em idiomas diferentes e toca piano sem tê-los aprendido anteriormente. Ela mantém esses dons até o último dia de vida (*Documentário Avivamento da Rua Azusa*, 2016).

O local torna-se pequeno para a realização dos cultos, e Seymour decide alugar um galpão antigo que antes funcionava como uma igreja metodista e, posteriormente, como estábulo. É neste ambiente modesto que se inicia o grande reavivamento (Synan, 1971, p. 107).

⁴ "Termo primeiramente usado nos Estados Unidos, por volta de 1960, para distinguir as primeiras igrejas pentecostais, surgidas no início do século 20, das igrejas neopentecostais, formadas dentro das igrejas protestantes históricas e da igreja católica romana que foram logo chamadas de 'carismáticas'. Antes das neopentecostais, eram simplesmente chamadas de 'igrejas pentecostais'" (Araújo, 2024, p. 568).

Conforme o documentário *Avivamento da Rua Azusa* (2016), o movimento da Rua Azusa atrai pessoas de diversas culturas e origens étnicas, incluindo hispânicos, californianos, negros, brancos, mulheres, ricos e pobres. Seymour alia-se aos considerados marginalizados, promovendo cultos, dos quais, estendem-se durante o dia, atraindo indivíduos dos mais variados contextos sociais. Hollenweger (1997, p. 23) relata que essa união causa escândalo em uma sociedade racista e patriarcal.

Essa característica de inclusão social não era apenas algo particular da vida de Seymour, mas o alicerce que sustentava as manifestações dos dons espirituais, pois ao estabelecer um espaço inclusivo todos eram receptores do Espírito. Seymour provou que os dons espirituais não pertenciam apenas a uma raça ou classe, mas representavam uma experiência libertadora, superando as barreiras daquele contexto.

Na Missão da Rua Azusa, as mulheres ocupam posição de destaque, inclusive na liderança. Essa prática gera divergências com comunidades evangélicas tradicionais que defendem restrições de fala feminina. Em oposição às restrições ao ministério feminino, Seymour entendendo sua legitimidade diz que: “O tipo de consagração que era evidente na Rua Azusa não se via desde o tempo de Pentecostes” (Documentário *Avivamento da Rua Azusa*, 2016).

Hollenweger (1972, p. 24) descreve que o que ocorreu em Azusa é algo inexplicável, pois pastores brancos juntam-se aos negros em adoração, experimentam verdadeira comunhão e, com grande gozo, intercedem, oram, cantam louvores, e ao voltarem para suas regiões, divulgam o movimento através de testemunhos, demonstrando aos seus membros que, juntos, podem adorar em um só Espírito.

Portanto, na Rua Azusa não se fazia distinção entre brancos e negros, ricos ou pobres, mas um só povo em Deus (Welchel, 2013, p. 44).

Sendo assim, Seymour não se destaca apenas por sua simplicidade, mas também por desafiar as estruturas sociais e eclesiais de sua época com um movimento inclusivo e de igualdade. Apesar de viver em um ambiente de opressão racial, ele não cede espaço para amargura ou vitimismo, pelo contrário, busca na espiritualidade sua convicção da unidade cristã.

O movimento surge em um ambiente improvisado, o que corrobora para que mais tarde gere um impacto global, pois carrega em seu DNA uma característica leiga e espontânea. Os eventos ali ocorridos estabelecem os valores doutrinários e práticos que definiriam a identidade pentecostal e que serão analisados ao longo deste trabalho em suas manifestações contemporâneas.

Assim, na Rua Azusa é onde nasce a Missão da Fé Apostólica, com integrantes de várias etnias, e, por três anos, este local é o centro do Pentecostalismo (Anderson, 2004, pp. 40-41).

Em suma, o Avivamento da Rua Azusa é o “fato histórico pentecostal mais relevante dos últimos dois mil anos”. Dele surge a chama que se espalha por diversas regiões e transcende as fronteiras (Documentário Avivamento da Rua Azusa, 2016). Logo, surgem dezenas de denominações pentecostais em todo o mundo, cujas origens, embora diversas, remontam àquele galpão simples em Los Angeles (Synan, 1971, p. 144). Dessa forma, compreender o movimento iniciado na Rua Azusa e a liderança de William J. Seymour é fundamental para qualquer análise sobre a história e a prática dos dons, a partir daquele movimento iniciado no século XX.

1.3 Os dons e as manifestações espirituais em Azusa

Frank Bartleman, testemunha ocular do Avivamento relata que em Azusa, os cultos duravam o dia todo ininterruptos, e as reuniões eram frequentadas por todas as classes sociais, raças e etnias (1925b, p. 44). A manifestação do amor em Azusa é evidente. Ele destaca:

O amor divino se manifestava maravilhosamente nestas reuniões. Não se permitia nem sequer uma palavra indelicada contra os inimigos ou outras igrejas. A mensagem era o amor de Deus. Era como se o primeiro amor da igreja primitiva houvesse retornado. O batismo como recebíamos no princípio não permitia que pensássemos, falássemos ou ouvíssemos o mal contra nenhuma criatura. O Espírito era muito sensível como uma pomba delicada. A pomba não tem fel. Sabíamos imediatamente quando magoávamos o Espírito através de um pensamento ou de uma palavra. Parecíamos viver num mar de puro amor divino. O Senhor lutava por nós naqueles dias. Nós nos submetíamos ao seu julgamento em todos os assuntos, nunca buscando defender nosso trabalho ou a nossa pessoa. Vivíamos em sua maravilhosa e atual presença. E nada contrário ao seu puro Espírito era permitido. O falso era separado do real pelo Espírito de Deus. A própria Palavra de Deus era que resolvia todos os assuntos. O coração do povo, tanto em ação como em motivação, era descoberto até o cerne mais profundo. Não era nenhuma brincadeira tornar-se parte do grupo [...]. Naquele tempo, para receber o batismo era necessário passar pela "morte" e por um processo de purificação. Tínhamos uma sala especial em cima para aqueles que buscavam com mais ardor o batismo embora muitos fossem batizados também em plena reunião. Muitas vezes eram batizados enquanto estavam sentados. Na parede da sala especial estava escrito: "É proibido falar alto; sussurre apenas". Não sabíamos nada a respeito de "conquistar pelo barulho" naquela época (1925b, pp. 44,45).

Observa-se que o Espírito Santo dispunha de liberdade para atuar entre os presentes, uma vez que estavam abertos à operação sobrenatural que caracterizava aquele ambiente. Havia, por parte da assembleia, tanto uma intencionalidade em dar espaço para as manifestações espirituais quanto uma busca por uma conexão mais profunda com Deus e com o próximo, fundamentada no amor.

Segundo Bartleman, a manifestação do Espírito era algo notável e, frequentemente, difícil de entender, superando as explicações humanas. Indivíduos se sentiam envolvidos por melodias espirituais e por dons, seja de forma isolada ou coletiva. Ele afirma que, “[...] as novas canções são totalmente diferentes, pois não são de composição humana”, mas frutos da composição direta do Espírito (1925b, pp. 46-47).

De acordo com a obra de Bartleman, os indivíduos carnais (contrários à lei do amor e do corpo único de Cristo) não conseguiam suportar o ambiente em Azusa, pois o ego dos homens era totalmente destruído como resultado do poder do Espírito e da manifestação dos dons. Sendo assim, demônios são expulsos, enfermos são curados e aqueles que se sentem fracos são fortalecidos em Deus.

Segundo Edith Blumhofer (1993, p. 59), a atmosfera espiritual de Azusa é de profunda entrega, em que homens, mulheres e até crianças tornavam-se instrumentos de manifestações carismáticas. Durante os cultos, enquanto alguns buscavam santificação e cura, outros eram tomados por cânticos espirituais e orações em línguas. A constante manifestação de dons como línguas, profecias e curas, formava um ambiente espiritual singular, onde a experiência do divino servia como o elo que unia grupos sociais em conflito.

O documentário *Avivamento da Rua Azusa* (2016) ressalta que as manifestações espirituais ultrapassam as paredes do prédio da Rua Azusa. Pessoas sentem o poder do Espírito Santo a três quarteirões de distância. No local, ocorrem os mais variados milagres, como a regeneração de membros amputados, curas de câncer e tumores e inválidos que volta a andar (Welchel, 2013, p. 17). Muitos são curados, o que resulta em uma parede cheia de muletas e aparelhos de locomoção, enquanto crianças profetizam, homens e mulheres, cantam e tocam sob a unção divina (movidos pelo poder sobrenatural do Espírito).

Esse movimento recebe muitas críticas por parte dos jornais seculares e das igrejas tradicionais, pois considera o movimento fanatismo religioso. Contudo,

segundo Bartleman (1925b, p. 45), o Espírito Santo mantém a autenticidade da experiência desmascarando o falso do verdadeiro.

Do ponto de vista bíblico, Robert Owens argumenta que os participantes de Azusa baseiam os acontecimentos espirituais nas passagens bíblicas de Atos dos Apóstolos 2:4, que relata que “todos foram cheios e passaram a falar em outras línguas”, e de Joel 2:28, que profetiza que “derramarei do meu Espírito sobre toda a carne”, como uma continuidade desses dons. Assim, essa relação com as Escrituras confere autoridade e legitimidade às experiências (Owens *apud* Synan, 2020, pp.73-77).

Allan Anderson (2004, p. 42) observa que as manifestações em Azusa não se trata de simples explosões emocionais, mas de uma espiritualidade popular que ressignifica a fé cristã para além dos limites institucionais. Walter Hollenweger (1997, p. 18) complementa que a espontaneidade, a diversidade cultural e a forte presença de elementos orais, como testemunhos, orações e cânticos, são características fundamentais das manifestações espirituais, e justamente elas explicam a vitalidade que marca o movimento da Rua Azusa.

Algumas testemunhas oculares relatam ocasiões sobrenaturais ao colocarem os pés no galpão. Uma delas, A. C. Valdez, descreve que, ao entrar com sua mãe, foi envolvido por um frio em pleno verão que caracterizava o poder de Deus. Já Martin E. Marty, historiador renomado, declara: “Os testemunhos de cura são tão impressionantes e ocorrem com tal regularidade que, em alguns contextos, não eram tratados com a devida reverência” (Owens *apud* Synan, 2020, pp. 81-83).

Os cultos, o batismo no Espírito Santo com ênfase no falar em línguas, os testemunhos e as demais manifestações, preparariam o terreno para que mais tarde essas práticas fizessem parte de diversas denominações pentecostais, pois o movimento foi amplamente divulgado por aqueles que fizeram parte do cenário de Azusa e experimentaram da força sobrenatural que envolvia o lugar.

Portanto, o estudo das experiências espirituais ocorridas na Rua Azusa, pelo Movimento da Fé Apostólica, é indispensável para a compreensão do Pentecostalismo moderno e contemporâneo. Ao se situarem na interseção entre o divino e o humano, essas experiências não só fundamentam as narrativas históricas, mas também propiciam uma reflexão profunda sobre a íntima conexão entre a experiência e a prática cristã.

1.4 A chegada do Pentecostalismo ao Brasil

A partir da Rua Azusa, inicia-se o Pentecostalismo Clássico, que alcança diversos países. O movimento tem origem na busca espiritual de William J. Seymour, a qual se propaga por meio de missionários que carregam em seus corações a essência pentecostal⁵, atingindo, através da evangelização e missão, nações da América Latina, da África e Ásia. Esse fenômeno constitui um marco importante na globalização do cristianismo (Anderson, 2004, p. 42).

Bartleman relata algo muito importante sobre a propagação da chama Pentecostal:

Da Rua Azusa, a chama pentecostal se espalhou para o Canadá sob R. E. McAlister e A. H. Argue. O “Apostolo do Pentecostes” na Europa, T. B. Barrat, cancelou uma viagem planejada para a Rua Azusa após receber seu Pentecostes na cidade de Nova York. Retornando a Oslo, Noruega, em 1906, ele abriu a primeira obra pentecostal na Europa. De seu ministério, a tocha foi passada para Suécia, Dinamarca, Inglaterra, Alemanha e França. Menos diretamente, o fogo se espalhou para o Chile sob o ministério do missionário metodista americano Dr. W. C. Hoover; para o Brasil sob os ministérios de Daniel Berg e Gunnar Vingren; e para a Rússia e outras nações eslavas sob Ivan Voronaeff, um batista russo da cidade de Nova York. Assim em pouco tempo, o Pentecostes da Rua Azusa tornou-se um movimento mundial do Espírito santo (Bartleman, 1925a, p. 24).

A chama pentecostal espalha-se por todas as nações e por todo o território americano, chegando também à cidade de Chicago. É nesse local que, mais tarde, os suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren serão impactados pelo avivamento.

Gunnar Vingren chega a Chicago e logo experimenta o batismo com o Espírito Santo. Tempos depois, Daniel Berg, ao participar de convenções batistas, conhece Vingren e passa pela experiência do batismo. Noutra ocasião, em uma reunião de oração, ambos recebem uma profecia para se destinarem ao Pará. Por não saberem de que local se tratava, dirigem-se a uma biblioteca e, consultando mapas, descobrem tratar-se de uma região no Norte do Brasil. Ao receberem outra confirmação, entendem que Deus os chama para uma missão (Vingren, 2024, pp. 24-28).

Ambos partem de Chicago com uma oferta missionária, rumo a Nova York, mas os recursos não são suficientes para chegarem ao Brasil. Em Nova York, enquanto caminham pelas ruas, encontram-se com um comerciante que, na noite anterior,

⁵ Busca por uma experiência pessoal e direta com Deus, centrada no batismo no Espírito Santo, manifestado através de dons espirituais (Araújo, 2024, p. 567).

durante uma oração, sentira-se compelido a enviar uma quantia a Vingren. Ali, pela manhã, o comerciante entrega-lhe um envelope que contém exatamente a quantia necessária para a viagem ao destino. O episódio é interpretado pelos missionários como uma confirmação de seu chamado (Conde, 2024, p. 28).

Os suecos deixam Nova York com destino ao Pará. Durante a viagem, evangelizam os tripulantes do navio e, dias depois, desembarcam em Belém. No local, não há amigos ou conhecidos, mas a graça de Deus faz-se presente. E ali, na praça, oram a Deus por um povo até então desconhecido.

A chegada de Berg e Vingren ao Pará representa a adaptação do modelo de Azusa em um novo contexto. A imagem dos missionários orando na praça é importante, pois mostra que o Pentecostalismo não necessitava de igrejas estabelecidas, mas de uma crença em uma experiência espiritual direta que poderia ser repetida. Observa-se que os missionários começaram a bordo do navio, com a evangelização da tripulação, evidenciando que a compreensão dos dons estava ligada a missão, pois o poder do Espírito poderia ser vivenciado coletivamente, assim como ocorria em Azusa, para ganhar legitimidade.

Logo na chegada, enfrentam os primeiros desafios: um sol causticante, a pobreza extrema e um ambiente hostil. No entanto, nada os amedronta, pois, a convicção de seu propósito é maior que qualquer obstáculo (Conde, 2024, pp. 29-30).

Em Belém, Vingren e Berg procuram pelo pastor metodista Justus Nelson, que os apresenta ao pastor batista Raimundo Nobre. Posteriormente, passam um tempo com Raimundo Nobre e seu irmão, Adrião Nobre. Berg passa a trabalhar como fundidor e, mais tarde, com colportagem, enquanto Vingren se dedica ao estudo da língua portuguesa.

Eles mantêm uma vida de busca incessante por meio da oração, o que causa certa estranheza e indignação em alguns irmãos, que os consideram fanáticos. No entanto, permanecem firmes no anúncio da salvação e do batismo com o Espírito Santo (Conde, 2024, pp. 33-34).

Após esse período, duas irmãs, Celina de Albuquerque e Maria Nazaré, começam a buscar o batismo com o Espírito Santo. Nesse processo, Celina é batizada, o que provoca divergências doutrinárias entre os membros da comunidade. Em decorrência disso, realiza-se uma reunião na qual os que concordavam com as novas manifestações são convidados a se retirar. Assim, com um grupo de dezoito

peças, fundam-se, em 18 de junho de 1911, a Missão da Fé Apostólica, que posteriormente, passa a se chamar Assembleia de Deus (Conde, 2024, pp. 35-38).

Assim, a fundação da Assembleia de Deus, embora iniciado com o rompimento com a igreja Batista de Belém do Pará, é melhor compreendido não apenas como uma cisão, mas como um desdobramento inevitável da busca por uma experiência de fé mais expressiva (sobrenatural). O cerne do desentendimento, centrado na doutrina pentecostal e nos dons espirituais, não se limitou a uma divergência formal, mas simbolizou o encontro de duas formas legítimas de se relacionar com Deus: de um lado, a tradição batista, com seus modos de ser, sua liturgia e doutrina; de outro, o fervor de uma espiritualidade que priorizava a experiência imediata e a manifestação imprevisível do Espírito. Dessa forma, o movimento iniciado a partir da exclusão das dezoito pessoas, não anula a história da qual se originou, mas adiciona um novo e poderoso capítulo à religiosidade brasileira, afirmando que a presença ativa do Espírito Santo é uma necessidade vital e contínua para a comunidade de fé, honrando o legado do avivamento de Azusa ao lado de outras tradições cristãs.

No Brasil, de modo semelhante ao ocorrido em Azusa, as manifestações espirituais ocorrem com grande intensidade, mediante o poder sobrenatural do Espírito Santo, que se opera por meio da vida dos irmãos Gunnar Vingren e Daniel Berg. Os sinais os acompanhavam por onde iam, o que, segundo os relatos, foi entendido como sinal da ação divina (Conde, 2024).

Davi Berg relata, em sua obra *Enviado por Deus*, que sinais e maravilhas ocorreram no interior do Pará. As manifestações espirituais tornam-se evidentes: aonde ele vai e ora, as pessoas são curadas, e os corações, confortados e consolados. O próprio Daniel Berg experimenta, em certa ocasião, o poder do Espírito quando, após contrair malária e sentir-se mal devido aos sintomas, é instantaneamente curado durante uma oração feita em um culto no qual pregava (Berg, 2024, p. 184).

Os relatos de curas e fenômenos sobrenaturais no interior do Pará, conforme apresentado na obra de Berg (2024), foram fundamentais para a aceitação e rápida propagação do Pentecostalismo no Brasil. Em um cenário marcado por acesso limitado à medicina e altos níveis de pobreza, os dons de cura eram percebidos não apenas como elementos de fé, mas como respostas a urgências materiais. A imagem da eficácia da cura divina conferiu autoridade à mensagem dos missionários. Assim, desde o início, a compreensão pentecostal dos dons se desenvolveu como uma

teologia prática e encarnada, validando-se pela sua capacidade de transformar a realidade imediata dos fiéis.

Antes mesmo de chegarem ao Brasil, Gunnar Vingren relata que, por meio de uma irmã com o dom de interpretar línguas, recebe uma profecia. Em seguida, o irmão Adolfo Ulldin profetiza sobre a viagem ao Brasil, detalhando acontecimentos que posteriormente se comprovam (Vingren, 2024, pp. 25-27).

Gunnar Vingren contrai uma doença conhecida como beribéri e permanece em estado grave por várias semanas. Alguns irmãos oram por ele, e logo sua saúde é restaurada. Desse modo, diversos relatos de manifestações espirituais como curas, hinos espirituais, conversões, exorcismos e profecias tornam-se frequentes (Vingren, 2024, p. 45).

O que percebemos é que o movimento se espalha por conta do fervor e o interesse dos missionários em realizar a obra de Deus, pelo poder do Espírito Santo. Assim, a chegada de Vingren e Berg ao Brasil não apenas propagou o Pentecostalismo, mas também adaptou suas práticas e doutrinas ao contexto brasileiro, influenciando a configuração cultural e teológica do movimento em novas realidades sociais.

Embora nossa ênfase recaia sobre as figuras de Daniel Berg e Gunnar Vingren, fundadores do que mais tarde será denominada Assembleia de Deus, é importante citar a figura de Luigi Francescon, o ítalo-americano que fundou a igreja Congregação Cristã do Brasil com sede em São Paulo, em 1911, fruto da divisão da Igreja Presbiteriana do Brás. Antes disso, ele recebeu o batismo no Espírito Santo com a evidência de falar em outras línguas, em Chicago. Em seguida, viaja por várias localidades do Estados Unidos implantando igrejas Pentecostais, posteriormente, na Argentina, Itália e, por fim, em São Paulo. Francescon morreu em Illinois, EUA, em 1964 (Araújo, 2024, p. 321).

Como demonstrado, a doutrina de Parham forneceu o marco inicial, mas foi no contexto social liderado por William J. Seymour que ela se difundiu. O ambiente igualitário estabelecido por Seymour consolidou um modelo experiencial de fé fundamentado nas manifestações espirituais, o que permitiu sua rápida propagação, especialmente entre os grupos à margem da sociedade, tanto em Azusa quanto no Brasil. Essa dinâmica influenciou diretamente as práticas eclesiais por meio da valorização da experiência vivida, tornando-a central na identidade do movimento e estabelecendo um padrão de espiritualidade que privilegia a experiência imediata com

o divino, além da expectativa por milagres e das manifestações espirituais e emocionais, que são marcas importantes dos cultos pentecostais.

2 O BATISMO NO ESPÍRITO SANTO E AS MANIFESTAÇÕES DOS DONS

Neste capítulo trataremos do batismo no Espírito Santo como um dos pilares doutrinários do movimento pentecostal, compreendido da tradição pentecostal clássica, tanto como uma experiência distintiva e subsequente à conversão, quanto como um dom divino para a vida e o testemunho cristão. Este capítulo tem como objetivo analisar a definição e as funções práticas dessa experiência. Pretendemos aqui explorar a natureza deste batismo e dos dons espirituais resultantes, com bases bíblicas e interpretações teológicas.

2.1 Alguns autores e suas definições do batismo no Espírito Santo

Em sua tese, Pinheiro explica que o Pentecostalismo é um braço do Protestantismo e que ambos, apesar de terem fundamentadas a doutrina na centralidade das Escrituras e na salvação pela graça, a primeira, prega a contemporaneidade dos dons. E que as manifestações espirituais, principalmente, do livro de Atos dos Apóstolos são importantes para cumprir sua missão (2015, p. 46).

A explicação de Pinheiro de que o Pentecostalismo prega a "contemporaneidade dos dons", com base no livro de Atos, relaciona-se diretamente com a prática em Azusa. Isto porque a experiência do batismo no Espírito Santo acompanhado pelo falar em línguas, vivenciada por diversas pessoas naquele ambiente e além dele, conduziu à formação do que entendemos como a doutrina Pentecostal, principalmente no contexto das Assembleias de Deus. Dessa forma, foi a prática que sistematizou a teologia.

Frank Macchia, por sua vez, explica que a maioria dos pentecostais compreende o Espírito Santo como uma experiência de avivamento e como uma renovação da vida cristã. Por esse motivo, entende que os dons espirituais estão acessíveis aos crentes. Ademais, para o autor, o batismo no Espírito Santo constitui, dentro do Pentecostalismo, a doutrina que conduz ao maior desenvolvimento pneumatológico ecumênico (doutrina com maior potencial de conexão com outras tradições) (2024, p. 23).

No movimento pentecostal, o batismo no Espírito Santo é uma experiência trinitária e cristoforme, que modela a forma de viver e de pensar do crente. Por essa

razão, ele é considerado tanto experiencial quanto doutrinário, refletindo a diversidade de compreensões dentro da pneumatologia⁶. Desse modo, trata-se de um batismo essencialmente funcional, que conduz a uma profunda intimidade com Deus. Por meio dessa relação, tornamo-nos agentes conscientes de tudo que realizamos e proclamamos, de forma que a Sua Palavra se reflete em nossas ações no mundo (2024, p. 61).

Menzies e Menzies (2002, pp. 241-245) afirmam que a chave para entender o batismo no Espírito Santo está no livro de Atos dos Apóstolos. Eles afirmam que Lucas, no livro de Atos, apresenta uma teologia do Espírito distinta, mas que se complementa à de Paulo, assim, segundo a perspectiva de Lucas, o batismo possui um discurso profético e missionário. Ao mesmo tempo, que a visão de Paulo se baseia em um aspecto de salvação em Cristo.

O episódio de Atos dos Apóstolos é conhecido como a primeira festa judaica do Pentecostes, pois foi nesse ambiente em que os discípulos e demais seguidores de Jesus foram batizados no Espírito Santo e falaram em outras línguas. Essa experiência é entendida pelos pentecostais como “derramamento do Espírito Santo”. Assim, através da oração entende-se que o crente foi “batizado no (ou com o) Espírito Santo” (Pinheiro, 2015, p.47). Steve Land complementa dizendo que a teologia pentecostal é distintiva. Está centralizada na realidade da fé, na vida e no serviço do povo de Deus, organizado como corpo de Cristo e habitado pelo Espírito Santo que é regido pela oração (Anderson, 2004, p. 196).

Azusa estabeleceu a experiência espiritual (o batismo e os dons) como um método teológico distinto. Como observa Steve Land, Azusa encarnou essa realidade, centralizando-a na fé e evidenciando-a tanto na vida quanto no serviço.

Segundo Wycoff, a questão do batismo no Espírito Santo gera muitas discussões, uma vez que existi estudiosos que acreditam que esse batismo está acessível aos crentes como parte do processo de conversão, outros o veem como uma experiência separada da regeneração, e ainda há aqueles que o consideram como uma prova inicial do falar em línguas (Wycoff *apud* Horton, 1996, p. 432).

Quanto ao falar em línguas como sinal do batismo, existem diferentes posições: alguns não a consideram obrigatória, outros creem que pode ocorrer em certos

⁶ Do grego *pneuma* (espírito) + *logia* (estudo) (Araújo, 2014, p. 703).

contextos, e há os que afirmam que o batismo sempre se acompanha dessa manifestação (Wycoff *apud* Horton, 1996, p. 445).

Aqueles que não consideram as línguas como prova necessária costumam ser, de modo geral, os evangélicos tradicionais⁷. Os grupos carismáticos⁸ costumam adotar uma postura equilibrada e mais adaptável (por acreditarem que o batismo no Espírito Santo e o uso dos dons espirituais podem ocorrer sem que o falar em línguas seja a única evidência). Os pentecostais tradicionais⁹ sustentam que o falar em outras línguas é a evidência inicial do batismo no Espírito Santo (Wycoff *apud* Horton, 1996, pp. 445–447).

Os pentecostais da Assembleia de Deus entendem que o batismo no Espírito Santo é uma experiência que se dá após a regeneração, pela evidência inicial do falar em outras línguas. Sendo assim, baseado no livro de Atos dos Apóstolos, "os pentecostais chegam à conclusão de que o batismo no Espírito Santo é subsequente em três casos (Pentecostes, Samaria e Paulo) e separável nos outros dois (Cornélio e os efésios)". Os primeiros já haviam passado pela regeneração, enquanto, Cornélio foi ao mesmo tempo batizado e regenerado, os Efésios foram salvos ou regenerados antes de Paulo encontrar-se com eles (Wycoff *apud* Horton, 1996, pp. 433-437).

A ênfase do falar em línguas como "evidência inicial" do batismo no Espírito Santo ecoa diretamente o legado de Azusa. A própria distinção entre carismáticos, tradicionais e pentecostais demonstra que as Assembleias de Deus carregam um legado doutrinário originário de Azusa, especificamente no entendimento do batismo como uma experiência subsequente à regeneração, acompanhada pela evidência inicial das línguas. Paralelamente, como apresenta Seymour, posição registrada por Gonçalves (2022, pp. 64-82), o dom das línguas deveria estar vinculado a uma vida santificada e frutífera, a fim de se evitar excessos místicos. Desse modo, a compreensão da relação entre "evidência" e "fruto" consolidou-se em Azusa e permanece como um pilar no Pentecostalismo.

Gordon Fee, por sua vez, sustenta que Paulo em determinados trechos entende o Espírito Santo tanto como uma pessoa quanto como um verbo ativo, uma vez que examina, conhece, ensina, habita, realiza, clama, orienta, testifica, luta,

⁷ Que tiveram origem no início da Reforma Protestante no século 16 (Magenta, 2022).

⁸ Termo empregado para referir-se aos cristãos que acreditam nas manifestações do Espírito Santo que aconteceram na igreja primitiva, como curas, milagres e outras, e que estão acessíveis na igreja contemporânea, devendo ser vivenciadas e praticadas atualmente (Araújo, 2024, p. 155).

⁹ Que tiveram início no reavivamento nos Estados Unidos entre 1906-1910 (Bruno, 2023).

auxilia, entre outras ações. Além disso, a sua função na terra consiste em habitar dentro de cada cristão e ajudar todos os membros do corpo a se tornarem mais forte, além de interceder perante Deus em nosso favor (1997, pp. 29-37). Frank Macchia (2024, pp. 180-181), confirma que o batismo no Espírito Santo, enquanto experiência pessoal, insere o crente em uma dinâmica eclesial que o aproxima tanto dos demais quanto do mundo, mediante a graça de Jesus.

Fee (1997) também ressalta que a vida cristã é, por essência, uma vida no Espírito. Dessa forma, o Espírito não é um elemento secundário ou opcional, mas central e indispensável tanto para o crente quanto para a igreja. Ele é a presença ativa e pessoal de Deus, concretizando a salvação e tornando real a obra de Cristo.

Além disso, é o Espírito quem age na pessoa, permitindo-a viver de maneira ética e gerar resultados dentro da comunidade. Por conseguinte, é igualmente Ele que distribui os dons espirituais, visando exclusivamente a promoção do bem coletivo e o fortalecimento do corpo de Cristo.

Portanto, o Espírito Santo, apresentado por Fee (1997) como a presença ativa de Deus para a edificação da igreja, foi vividamente experimentado em Azusa. Essa experiência demonstra que Deus age de maneira poderosa e sobrenatural, independentemente do contexto. A obra do Espírito realizou-se tanto no Pentecostes original quanto em Azusa, assim como se manifesta atualmente, pois o seu agir é um verbo no presente, não se limitando a tempo ou espaço.

2.2 Os dons resultantes do batismo no Espírito Santo

Gordon Fee (1997) destaca que é o Espírito que orienta os indivíduos em direção a uma vida ética, marcada por uma obediência ativa que produz frutos. Assim, através da força do Espírito, o crente é capacitado a vencer suas fraquezas e, por intermédio da oração, expressa uma constante dependência de Deus. Em harmonia com o Criador, o crente pratica uma adoração autêntica, que se manifesta através de serviços espirituais quando vivida em comunidade.

Esses serviços estão relacionados aos dons concedidos pelo Espírito, conforme indicado em 1 Coríntios 12. De acordo com essa perspectiva, as manifestações espirituais decorrentes do batismo no Espírito Santo mencionadas na referida passagem incluem *glossolalia*, profecia, ensino e o dom de cura.

Segundo Wycoff, alguns autores (J. R. Williams, Donald Gee e Ervin) argumentam que o batismo no Espírito Santo reflete a natureza cristã, embora não deva ser visto como um padrão absoluto. Eles afirmam que os cristãos experimentam manifestações espirituais como resultado desse batismo, além de viver sob a influência ativa do Espírito Santo (Wycoff *apud* Horton, 1996, pp. 450-451).

Para Frank Macchia, o batismo no Espírito Santo, em sua estrutura pneumatológica (empoderamento com a obra santificadora do Espírito), é compreendido como um empoderamento (separação e consagração) para o testemunho. Desse modo, por meio do Reino de Deus inaugurado, as pessoas recebem dons para o serviço. Como ele mesmo observa: “Os pentecostais pioneiros notaram que o testemunho empoderado do reino de Deus surgindo no mundo era acompanhado por sinais visíveis do favor de Deus [...]”. O autor defende que, para esse serviço, é necessária uma vida consagrada e santificada, a qual, dessa forma, estará apta a testemunhar perante o mundo. Ao passar pela experiência do batismo no Espírito Santo, conforme registrado por Lucas em Atos dos Apóstolos, o indivíduo vocacionado experimenta dons espirituais, frequentemente compreendidos como “sinais e maravilhas”, que o capacitarão para a missão. Essa capacitação está fundamentada no ministério de Jesus, que serve como testemunho bíblico (2024, pp. 157-158).

A visão de Frank Macchia (2024) sobre o “empoderamento para o testemunho” e os “sinais visíveis do favor de Deus”, decorrentes da compreensão do batismo, conecta-se diretamente à experiência de Azusa. Isto porque o avivamento não era um fim em si mesmo, mas, pelo contrário, atuava como capacitação e combustível para o serviço missionário.

David Lim aponta que no Novo Testamento são citados vinte e um dons que se complementam mutuamente. Os dons mencionados em 1 Coríntios 12 podem ser classificados conforme a seguinte estrutura:

- Dons de Ensino (pregação):
 - A palavra de sabedoria
 - A palavra de conhecimento
- Dons do Ministério (à igreja e ao mundo):
 - Fé
 - Dons de curar
 - Operação de maravilhas
 - Profecia
 - Discernimento de espíritos
- Dons de Adoração:

Variedades de línguas
Interpretação de línguas (Lim *apud* Horton, 1996, pp.472-473).

Paulo destaca a existência de diferentes tipos de dons e ministérios, os quais devem ser praticados com amor, pois seu objetivo é não apenas glorificar a Deus, mas também fortalecer a igreja (Lim *apud* Horton, 1996, p. 479). Assim, a utilização dos dons espirituais dentro do contexto pentecostal tem como finalidade promover a edificação da comunidade, sublinhando a importância ética e relacional na vivência cristã.

2.3 O falar em línguas (glossolalia)

A *glossolalia* nos Estados Unidos é compreendida como evidência inicial do batismo no Espírito Santo. Essa experiência é adotada pela maioria dos pentecostais, embora haja diferentes perspectivas sobre o assunto (Macchia, 2024, p. 38).

Os pentecostais do início do século XX entendiam que o batismo no Espírito Santo e a prática de falar em diversas línguas eram essencialmente ferramentas para evangelizar e continuar o trabalho de Jesus, já que se baseava nos modelos encontrados na Bíblia (Klaus *apud* Horton, 1996, p. 505). O texto nos mostra que os pentecostais pioneiros, como Seymour, se baseavam principalmente no livro de Atos para entender os dons, portanto, Azusa foi a materialização desse princípio.

A evidência inicial do falar em línguas, para a maioria dos pentecostais, consistia em uma experiência do Espírito Santo que distinguia os que falavam em novas línguas e dos que não falavam. Mas, entretanto, para Macchia esse entendimento é falido, porque se afasta da compreensão ecumênica de linguagem, que impede que qualquer idioma ganhe importância absoluta. Por esse motivo, o autor, altera a “evidência” para “sinal”, em sua obra, para evitar conexões legalistas ao invés de teológica (2024, p. 39).

Segundo Robert Menzies (2019, p. 50), a *glossolalia* era uma prática comum na Igreja Primitiva e, como tal, amplamente conhecida. O autor compreende o falar em línguas como uma forma de discurso profético que desempenha uma função específica na comunidade.

Além disso, Menzies observa que Lucas associa o falar em línguas ao cumprimento da profecia de Joel, sugerindo, portanto, que a *glossolalia* constitui um sinal evidente do dom profético (2019, pp. 86-87). O autor complementa afirmando

que esse sinal se reveste de importância por criar uma ligação direta com a igreja apostólica. Dessa forma, ele compreende que o dom de línguas está disponível a todos os que buscam, por meio da oração, essa experiência de unção profética, da qual a *glossolalia* é parte integrante (Menzies, 2019).

A comunidade de Azusa elevou a perspectiva de Lucas, no livro de Atos, ao centro de sua teologia. Além disso, a prática da *glossolalia* é entendida como o cumprimento da profecia de Joel. Dessa forma, a experiência de Azusa apresenta o Pentecostes não como um evento meramente histórico, mas como uma realidade contemporânea.

Gordon Fee interpreta, com base na carta de Paulo aos Coríntios, capítulos 12 a 14, que, para Paulo, trata-se de “diferentes tipos de línguas” e que isso fazia parte de sua vida de oração. Paulo não condena nem reverencia o dom de línguas; ele o considera importante, mas adequa-o à situação. Além disso, os cristãos não deveriam fugir ao controle, mas manter-se em ordem, ficando em silêncio caso não houvesse interpretação (Fee, 1997, p. 185). Dessa forma, o dom de línguas, quando interpretado e exercido adequadamente, concilia a experiência individual de oração com a edificação coletiva da comunidade cristã.

Contudo, há falas que são para quem fala, outras para o ouvinte e, por isso, devem ser interpretadas. Há também aquelas que são para Deus, como “mistérios” em referência à oração secreta. Mas, com base em 1 Coríntios 13:1, esse fenômeno pode ser entendido como “as línguas dos anjos”. Gordon Fee expõe:

A questão mais difícil é sua associação com as “línguas das pessoas”. Muito provavelmente isto se refere a dois tipos de glossolalia: um dialeto humano, inspirado pelo Espírito, mas desconhecido do orador ou dos ouvintes, e a expressão angélica, inspirada pelo Espírito para falar o dialeto celestial. O contexto histórico em geral sugere que o último é o que os coríntios entenderam ser a glossolalia, e que, portanto, consideram-na uma das evidências de já terem alcançado alguma coisa do futuro status celestial. Paulo mostra considerável ambivalência para com esse dom. Por um lado, com respeito ao seu uso na assembleia pública, embora não a condene, ele não se mostra incisivo sobre isso. Em qualquer circunstância, as línguas não devem ser usadas em absoluto, se não houver interpretação. Por outro lado, como um dom de oração secreta e expressão vocal, Paulo fala de línguas bastante favoravelmente, obviamente em tópico que para ele é muito pessoal e particular. O inconveniente para ele ocorreu quando o que é pessoal e particular chega à assembleia pública, uma vez que não dispõe de nenhuma facilidade para fortalecer os outros. Aqui novamente o foco central sobre a vida corporativa chega antes (Fee, 1997, p.186).

Observa-se que a descrição de Gordon Fee acerca do dom de línguas, valorizado por Paulo em sua vida privada de oração, mas que deveria ser regulado no culto público para garantir a edificação coletiva, serve como uma lente para compreender tanto os acertos quanto os excessos ocorridos em Azusa.

Lim explica que o dom de línguas necessita de interpretação e, ao ser exercido, edifica o próprio indivíduo espiritualmente. As línguas em Atos e em 1 Coríntios possuem uma diferença: em Atos, são línguas para a edificação pessoal, enquanto em Coríntios, visam abençoar a congregação (Lim *apud* Horton, 1996, p. 475).

José Gonçalves afirma, que para Parham, o falar em outras línguas consistia no domínio de um idioma estrangeiro que capacitava o fiel a evangelizar outras nações (Gonçalves, 2022, p. 52).

Por sua vez, de acordo com José Gonçalves, Seymour, associa o falar em línguas a uma vida santificada que produz frutos. Ele entendia que, caso as línguas fossem compreendidas apenas como evidência inicial, haveria o risco de se cair no misticismo. Dessa forma, o que garantia que uma pessoa havia verdadeiramente recebido o batismo eram os frutos consistentes em sua vida (Gonçalves, 2022, pp. 64-82). Robert Menzies encontra respaldo com base na Primeira Carta de Paulo aos Coríntios, a igreja de Corinto era imatura, ainda que possuidora de dons espirituais. Isso porque o batismo no Espírito Santo e as línguas não são evidências de maturidade cristã, mas sim os frutos (2019, p. 141).

Contudo, Menzies e Menzies argumentam que o falar em línguas é compreendido como um caráter profético e inspirado, e que ele integra o dom pentecostal. Dessa forma, a glossolalia constitui uma pneumatologia profética em Lucas, que se complementa com a perspectiva de Paulo. O dom pentecostal pode ser entendido como uma experiência que capacita o cristão para a missão, ao passo que as línguas, em si, não são um dom, mas um aspecto pentecostal do Espírito. Portanto, os autores concluem que, de acordo com Paulo, as línguas são universais, e que, para Lucas, elas são evidência do dom pentecostal (2002, pp. 158-162).

2.4 Dentre os dons, a proeminência da profecia

De acordo com Lim, com base em 1 Coríntios 14, a profecia é inspirada pelo Espírito Santo e caracteriza-se por sua espontaneidade, por meio da qual Deus revela

os segredos do coração. Aqueles que possuem o dom de profecia são, portanto, chamados de profetas (Lim *apud* Horton, 1996, p. 475).

Enquanto, Sam Storms define, que o dom de profecia significa a revelação de algo que Deus traz a mente humana. Para ilustrar, quando Pedro, em Atos 2, cita a profecia de Joel, ele apresenta uma profecia atual da igreja revelada pelo Espírito, o que caracteriza, que nem todos são profetas, mas, pode ser capaz de profetizar em algum momento (2016, p. 102-104).

Portanto, a profecia não se trata de um palpite, nem uma visão pessoal, mas uma revelação divina insuflada no ser humano através de uma revelação espontânea (2016, p. 107).

A profecia pode vir ao profeta, por voz audível ou visão, às vezes, por palavras, imagens na mente, pensamentos, mas não é uma regra (2016, p. 110).

O propósito do dom de profecia é a edificação, consolação e exortação da igreja. Além disso, advertir e apresentar oportunidades de acordo a vontade de Deus (2016, pp. 117-119).

2.5 As demais manifestações dos dons

Sam Storms apresenta os dons espirituais como o próprio Deus em nós, que opera através de nós, nos fortalece, nos direciona, que se revela e cumpre os seus propósitos em nós (2016, p. 14). Ele enfatiza: “Os dons espirituais são Deus se fazendo presente nos pensamentos humanos, nas ações humanas, nas palavras humanas e no amor humano, manifestando-se neles e por meio deles” (2016, p. 14). O autor ressalta que o poder de Deus não se apresenta somente por meio dos dons espirituais. Pelo contrário, ele se faz presente de diversas maneiras e sob as mais variadas formas (2016, p. 16).

Baseado em 1 Coríntios 12, vimos acima que os dons do Espírito Santo estão divididos em três categorias: Ensino, Ministério e Adoração. Aqui trataremos de alguns dons de ensino e ministério.

Segundo David Lim, a palavra de sabedoria é aquela direcionada por Deus para a resolução de diversas situações, seja nas áreas espirituais ou seculares, pois conduz o indivíduo a realizar a melhor escolha, atingindo maturidade. Enquanto isso, a palavra de conhecimento está relacionada ao ensino da Palavra. Esse conhecimento da Palavra de Deus pode também revelar os seus segredos.

O dom de curar, por sua vez, estão disponíveis a todos. A pessoa que possui tal dom é apenas um agente que está à disposição para suprir as necessidades, mas a glória é totalmente de Deus. As curas podem acontecer em casos e situações específicas, como em Atos, em que muitos foram curados quando aceitaram o Evangelho.

Já o dom de discernimento de espíritos é aquele que confere a capacidade de distinguir os espíritos e “julgar” profecias (Lim *apud* Horton, 1996, pp. 473-475).

Sam Storms, por sua vez, complementa ao explicar que a "sabedoria", na carta de Paulo aos Coríntios, refere-se à "palavra de sabedoria". Esta pode ser compreendida como uma capacitação para revelar os mistérios de Deus à humanidade, os quais são capazes de transformar vidas. Já a "palavra do conhecimento" seria uma revelação de caráter sobrenatural e espontâneo (2016, pp. 46-48).

Ao tratar do dom da fé, Sam Storms menciona que o Novo Testamento apresenta três tipos de fé: a fé da conversão, a fé contínua e a fé carismática. A fé da conversão é aquela pela qual somos justificados; a fé contínua, por sua vez, é a que exercemos cotidianamente; e a fé carismática consiste em uma manifestação espontânea, efetuada pelas atividades sobrenaturais de Deus. Trata-se, portanto, de um dom ocasional e espontâneo, que confere uma certeza sobrenatural para crer nos milagres que Deus pode realizar, seja por palavra ou por ação (2016, pp. 57-59).

Os dons de fé, de curas e de operação de milagres estão interligados, pois é pela fé que o indivíduo crê que Deus é a única fonte de bênção, que Ele tem o poder de curar, que está disposto a fazê-lo, que efetivamente cura e, inclusive, que é da vontade divina curar naquele momento específico (Storms, 2016, pp. 60-62).

Storms argumenta que o dom de cura é ocasional e depende do propósito soberano de Deus. A pessoa que possui esse dom pode ser usada para curar muitos, mas nem todos serão curados; ou pode ser instrumento para a cura de apenas uma pessoa, em uma situação determinada e de uma enfermidade específica. Dessa forma, a cura não está sujeita à vontade humana, mas à vontade de Deus. O autor conclui que a cura é concedida por misericórdia e não por obrigação (2016, p. 66).

O dom de discernimento consiste na capacidade de distinguir entre as origens espiritual, humana ou divina de uma manifestação, identificando se provém do Espírito Santo, do ser humano ou de influências malignas. Quem possui esse dom está apto a avaliar declarações proféticas. Por essa razão, no que concerne às profecias, é

necessário verificar se elas estão em conformidade com os ensinamentos da Palavra de Deus (Storms, 2016, p. 121).

Portanto, o Avivamento da Rua Azusa introduziu um estilo de adoração espontâneo e sensível ao Espírito, no qual havia espaço (abertos à operação do Espírito) para manifestações espirituais. Campos (2005, p. 112) destaca, que as celebrações do culto pentecostal contemporâneo se assemelham muito às de Azusa, especialmente no que diz respeito à oralidade, aos testemunhos, às visões, às profecias e aos hinos entoados. Além disso, essa semelhança reforça-se pela busca pela santificação, que estava presente tanto em Azusa quanto no cenário pentecostal atual. Esse culto "carismático", centralizado na ação sobrenatural do Espírito, constitui um dos legados mais significativos para as igrejas pentecostais contemporâneas.

3 AS IMPLICAÇÕES DOS DONS ESPIRITUAIS PARA OS DE DENTRO E OS DE FORA DA IGREJA

Neste capítulo trataremos de explorar a dinâmica dos dons espirituais na edificação, prática e testemunho da igreja, a luz de uma percepção pentecostal. Além disso, ver-se-á sobre a natureza comunitária dos dons, o papel dos dons na prática pastoral e comunitária, o revestimento de poder do Espírito Santo para o testemunho e a ação missionária da igreja no mundo, além dos desafios contemporâneos ao uso dos dons.

3.1 A edificação interna da igreja através dos dons

A natureza dos dons do Espírito é compreendida por meio de algumas teorias que os classificam como naturais, sobrenaturais e encarnacionais. A teoria natural é aquela relacionada ao dom humano (música, pintura, obra de arte). A teoria sobrenatural é a que está relacionada ao Espírito, que ignora a mente humana, ou seja, o envolvimento humano. E, por fim, a teoria bíblica (encarnacional) é aquela na qual Deus opera por meio do homem (Lim *apud* Horton, 1996, pp. 469-470).

No âmbito encarnacional, os dons operam em conjunto com os membros (a igreja como um todo), pois a pessoa não é autossuficiente; pelo contrário, é totalmente dependente do corpo. Sendo dependente, não pode atuar como um membro isolado, uma vez que os dons, como já afirmado, são complementares, ou seja, atuam conjuntamente. Dessa forma, os dons são exercidos de maneira funcional pelo corpo (Lim *apud* Horton, 1996, p. 472).

Frank Macchia, entretanto, sustenta que a Igreja é carismática em virtude do Pentecostes e, por isso, essencialmente relacional. Ele defende que os dons espirituais, em conjunção com o Espírito Santo, promovem a unidade, uma vez que revelam a interdependência entre os crentes. Por meio dos relacionamentos, tais dons exercem uma função edificante na Igreja e ampliam sua capacidade de testemunho. Essa dinâmica se manifesta ao compartilhar com o próximo, através da pregação e dos sacramentos, a dignidade e o valor conferidos pela graça divina, demonstrando, assim, os sinais tangíveis dessa mesma graça (2024, p. 263).

Klaus (*apud* Horton, 1996, pp. 601-602) argumenta que o Espírito quebrou os paradigmas de superioridade entre os cristãos, pois, independentemente da classe social a que pertençam, os resultados se manifestam na igreja por meio de uma união mútua em servir ao próximo. Desse modo, a igreja equipa “um grupo de pessoas que vivem em mútua comunhão, capacitando-as a crescer até formar uma entidade amorosa, equilibrada e madura”. Dessa maneira, os cristãos guiados pelo Espírito Santo conseguem exercer seus dons e talentos na comunidade em que estão inseridos, refletindo o caráter de Cristo.

Essa relação entre experiência e doutrina torna-se visível na própria natureza dos dons espirituais. Ao abordar a "teoria encarnacional", na qual "Deus opera por meio do homem", Lim destaca uma dinâmica que encontrou expressão prática no Avivamento da Rua Azusa. As manifestações ali ocorridas não eram compreendidas como eventos meramente sobrenaturais que ignoravam a mente humana, mas como ações divinas que cooperavam com e através das pessoas, um princípio que se manifestou de forma marcante na quebra de barreiras raciais e sociais. A vivência concreta de uma comunidade inclusiva e multiétnica em Azusa forçou, assim, uma reformulação teológica concernente à natureza essencialmente comunitária e inclusiva do corpo de Cristo.

Além disso, ao tratarem do livro de Atos 13.1-3, os Menzies explicam que Lucas descreve a igreja de Antioquia como um local de adoração, ambiente no qual se desenvolve a capacidade de servir aos perdidos por meio da edificação e da adoração. Eles ilustram como uma igreja pode se espelhar nesse exemplo e, ao fazê-lo, cresce espiritualmente e cumpre seu propósito, uma vez que a adoração e as missões caminham alinhadas (2002, p. 233).

Contudo, em sua análise do livro de Atos, Sam Storms interpreta que os dons espirituais permanecem disponíveis na atualidade, da mesma forma que o eram na igreja primitiva. Ele sustenta que tais dons são manifestações do Espírito de Deus e respostas para a humanidade, as quais conduzem a igreja à plenitude escatológica (2016, p. 11).

Assim, a afirmação de Storms (2016) é importante, pois, ao sustentar a contínua disponibilidade dos dons espirituais na atualidade, endossa a experiência de Azusa e de outros movimentos anteriores. Assim, embora o derramamento do Espírito em Atos 2 seja um evento exclusivo e único, outras manifestações de derramamentos foram testemunhas na história, como foi o caso do avivamento promovido pelo inglês

Edward Irving (1820, 1830) e do avivamento ocorrido no País de Gales, que teve como protagonista Evan Roberts (1904, 1905).

Edward Irving foi o precursor do movimento pentecostal na Grã-Bretanha. Estudou matemática na University of Edinburgh e, mais tarde, estudou teologia, ciência e linguística. Em 1822, foi ordenado pastor e passou a liderar uma pequena igreja em Londres. Posteriormente, publicou diversos sermões. Assim, a igreja tornou-se pequena para acomodar as multidões, e ele construiu um novo templo em Regent Square. Através de grupos de oração, passaram a buscar um novo derramamento do Espírito Santo, intensificado pela busca dos dons descritos no Novo Testamento. O movimento cresceu pela Grã-Bretanha e, em 26 de abril de 1832, Irving foi expulso de sua igreja pelo London Presbytery, por permitir que homens e mulheres não ordenados falassem nos cultos. Após o ocorrido, ele fundou a primeira Catholic Apostolic Church. Em 1834, em Glasgow, ele faleceu e foi sepultado no mesmo local. Mesmo após sua morte, o movimento continuou a crescer (Araujo, 2014, p. 392).

Evan John Roberts nasceu em 8 de junho de 1878, na Island House, cidade de Loughor, no sul do País de Gales. Filho de pais metodistas, converteu-se a Cristo aos 13 anos. Trabalhava com seu pai nas minas de carvão e, aos 15 anos, começou a orar por um avivamento. Roberts ingressou em um seminário teológico em setembro de 1904, mas não conseguia se concentrar nas aulas, pois se sentia compelido à buscas espirituais por meio da oração.

Aos 26 anos, ele teve uma visão e foi autorizado pelo pastor a transmitir aquela mensagem, alertando os jovens a confessarem seus pecados, declararem Cristo como Salvador e clamarem pela presença do Espírito. Com o passar do tempo, as reuniões foram ganhando cada vez mais adeptos, a ponto de Evan não comunicar sua presença, temendo ser idolatrado. Os cultos eram espontâneos, sem hora para terminar; os louvores eram entoados sem instrumentos; as orações eram espontâneas e as confissões de pecados ocorriam sob a direção do Espírito.

Essa vida fervorosa de Roberts marcou a vida de muitos. O movimento do País de Gales terminou em 1906, mas seus efeitos foram duradouros, a ponto de, em seis meses, cem mil pessoas terem se convertido ao Senhor. Apesar do movimento ter terminado, seus reflexos influenciaram outras nações (Revista Graça Show da Fé, 2016).

Embora Azusa foi realmente um divisor de águas, não aconteceu sem antecedentes, mas como parte de algo maior, que vinha na esteira dos despertamentos promovidos por John Wesley, tanto na Europa e como nos EUA.

3.2 O papel dos dons na prática pastoral e comunitária

Os dons espirituais são concedidos para suprir as necessidades da comunidade eclesial, entre outras finalidades. Eles visam à edificação, ao desenvolvimento e à santificação da igreja, proporcionando consolo, encorajamento e instrução (Storms, 2016, p. 29). Dessa forma, sua manifestação atesta e autentica a prática das igrejas pentecostais contemporâneas, assim como ocorria no período apostólico e em avivamentos históricos, como o de Azusa.

Partindo desse princípio de autenticação histórica, compreende-se que os dons devem ser exercidos em contribuição para o ministério, produzindo resultados que glorifiquem a Deus e auxiliem toda a membresia e a comunidade em que está inserida. Sendo assim, os dons espirituais devem ser exercidos na proporção da fé, procurando aprimorá-los e mantendo boas atitudes, como generosidade, diligência, alegria e misericórdia.

Essa visão funcional e comunitária reforça que todos têm funções diferentes no corpo, mas que atuam em unidade. Os dons atuam para a edificação da igreja e do indivíduo. Assim, não há ninguém superior ou inferior; todos são importantes.

A base teológica que sustenta essa distribuição igualitária, porém diversificada, de funções é a soberania divina. Lim (*apud* Horton, 1996, pp. 477-478) assevera que os dons são distribuídos pela soberania de Deus; dessa forma, é Deus quem os outorga conforme o seu querer. Devem ser sempre ministrados com amor, alinhados com a Palavra de Deus, para a edificação e o amadurecimento da igreja (ICo 14:12, 26; Ef 4:11-13).

Nesse contexto, a adoração pentecostal, como ressalta Klaus (*apud* Horton, 1996, p. 99), é o ambiente onde essa soberania é reconhecida. Ele complementa que a comunidade pentecostal, ao adorar, na verdade participa de um ministério específico a Deus, o que garante Sua soberania sobre o mundo. Isso ocorre por meio do batismo no Espírito Santo e da prática constante de uma atividade de louvor que fortalece os fundamentos de um ministério centrado em Cristo.

Se Klaus destaca o aspecto vertical (para Deus) da adoração, Menzies e Menzies articulam sua dimensão horizontal (para a comunidade). Ao abordarem os dons de 1 Coríntios 12-14, eles enfatizam que são concedidos livremente a todos os crentes e que servem, de maneira geral, para a edificação da igreja. Dessa forma, o propósito dos dons é edificar o próximo, levando o cristão a exercer seu papel no corpo de Cristo e a atender às necessidades da vida comunitária. Portanto, compreende-se que o objetivo deve ser o benefício de todos, para a glória de Deus; mesmo que cada um possua um dom particular, o fim último é o bem da coletividade (2002, pp. 226-230).

Essa ênfase na edificação coletiva encontra sua motivação mais profunda no amor, um ponto central na teologia de Macchia (2024, p. 163). Segundo ele, os pentecostais foram chamados para propagar essa chama e para a manifestação dos dons, não importando se são simples ou extraordinários, contanto que atendam às necessidades da igreja e proclamem o Reino de Deus. Ele enfatiza que os cristãos devem se permitir experimentar essa presença e esse poder divino, ressaltando que os sinais mais profundos são os do amor.

Macchia (2024, pp. 164-165) avança ainda mais nessa reflexão, integrando a dimensão carismática à ética. Além disso, o autor complementa afirmando que os pentecostais são abençoados com dons, em virtude da herança intelectual dos irmãos reformados. Ressalta ainda que há, em nosso meio, uma diversidade de dons, mas que o maior deles é o amor. Esse amor aponta para o Reino de Deus, o qual transforma as pessoas e é capaz de capacitá-las para o ministério e para a missão, no âmbito da iniciação cristã, por meio de uma consciência experienciada que se manifesta em palavra inspirada, atitudes de amor e demais sinais do Espírito.

3.3 O testemunho dos dons diante do mundo

O revestimento de poder do Espírito é a marca distintiva do batismo no Espírito Santo. Tanto os pentecostais do início do século XX quanto os contemporâneos creem nessa experiência como um poder dinâmico para a evangelização, a edificação da igreja e a capacitação para o serviço (Wyckoff apud Horton, 1996, p. 456).

Este poder, longe de se restringir à esfera privada, possui um alcance transformador abrangente. Segundo argumenta Macchia, o Espírito Santo alcança toda a carne nas esferas física, social e espiritual. Por meio do corpo e das

manifestações espirituais, a Igreja dá voz aos marginalizados, rompendo com todos os paradigmas sociais que oprimem e discriminam, uma vez que toda a criação é digna de ser chamada, aceita e agraciada por Deus (2024, p. 237).

Conforme introduzido no primeiro capítulo, observou-se a segregação racial como elemento para a compreensão da repercussão do movimento e as manifestações como elemento para a ênfase doutrinária. Segundo a perspectiva de Macchia (2024, pp. 188-191), no cenário contemporâneo, ainda que se enfrentem situações de discriminação, fomos chamados para promover a cura. Essa cura tem como fundamento o serviço a Cristo e a graça comum derramada no mundo, sendo necessariamente interpessoal e integral, por sua natureza relacional. Além disso, atualmente, o preconceito que persiste pode ser superado quando os dons e as manifestações espirituais quebram o ego e conferem liberdade ao ser humano, transformando-o por meio de uma comunhão interativa.

Dentre esses dons, a *glossolalia* destacou-se como o sinal expressivo dessa nova realidade. Conforme apresentado por Hollenweger (1972), a *glossolalia* transcendeu sua condição de possibilidade teológica para consolidar-se como um marco doutrinário em virtude da experiência central do Avivamento da Rua Azusa. Esse processo histórico moldou decisivamente a "compreensão pentecostal dos dons", estabelecendo a *glossolalia* como evidência inicial do batismo no Espírito Santo e, conseqüentemente, como um padrão divino que precede e capacita para a missão.

Para além da *glossolalia*, este batismo no Espírito Santo capacita os crentes para um nível mais amplo de manifestações. De acordo com Anderson, é por meio do batismo com o Espírito Santo que os cristãos profetizam, falam em línguas, curam, expulsam demônios, têm visões e conseguem viver uma vida em santidade. Por isso, segundo o autor, todo reconhecimento deve ser dado a Ele (2004, p. 197).

Essa capacitação espiritual tem, contudo, um propósito missionário e social. Assim, revestidos pelo poder do Espírito Santo, carregados de caráter e propósito declaramos ao mundo o senhorio de Jesus, por meio da evangelização e pela Palavra de arrependimento que concerne autoridade ao ministério para alcançar a sociedade (Klaus *apud* Horton, 1996, p. 603). Klaus argumenta que:

[...] As pessoas não têm ninguém para pleitear a sua causa, e que se encontram desconsiderados e abandonados, também foram criadas a imagem de Deus. A Igreja, revestida pelo poder do Espírito, terá de passar das palavras para ações se quer ver realizados os propósitos de Deus [...] (Klaus *apud* Horton, 1996, p. 604).

Ele ainda enfatiza que:

[...] As incapacidades físicas não são impedimentos para o Reino de Deus. No meio da enfermidade e da tragédia física, temos o privilégio de dizer agora: “Levante-se e seja curado!” Àqueles que estão amarrados pelo demonismo, presos pelo poder destrutivo do maligno, podemos proclamar que a libertação está perto e que o “novo” governo de Deus liberta cativos” (klaus *apud* Horton, 1996, p. 604).

Desse modo, a experiência espiritual, mediada pelo Espírito Santo, confere a capacidade de alcançar os marginalizados, criando uma atmosfera de amor e união para cumprir a missão além das paredes eclesiais.

No contexto atual, o dom de línguas pode ser compreendido como uma ferramenta evangelística, embora restrita ao âmbito de um testemunho inteligível. Ademais, ele se manifesta como oração inspirada pelo Espírito Santo, como louvor dirigido a Deus, como intercessão e como proclamação por meio de uma interpretação igualmente inspirada (Menzies, 2024).

Em síntese, o falar em línguas serve como sinal de uma experiência espiritual e sacramental pentecostal, a qual valida práticas fundamentadas na abordagem bíblica e no modelo da igreja apostólica. Por fim, tais elementos sobrenaturais confirmam a presença de Deus, revelando tanto a sua imanência quanto o seu relacionamento com o seu povo e por intermédio dele (Menzies, 2024).

3.4 Desafios e discernimento no uso dos dons

Para compreender os desafios atuais do Pentecostalismo, é necessário entender a exposição crítica de Gordon Fee. Segundo sua perspectiva, a prática pentecostal no mundo atual necessita passar por uma restauração. É fundamental que ocorra uma restauração genuína no que se refere à Trindade, não se focando apenas no Espírito, mas na exaltação de Deus e de Cristo como Salvador e Senhor de todos, o que se oporia à trindade contemporânea do relativismo, do secularismo e do individualismo.

Fee não se limita à crítica, mas aponta o caminho para essa renovação. Com base nas cartas de Paulo, ele afirma ser imprescindível a atuação do Espírito para trazer vida às instituições, às teologias e às liturgias, pois é pela ação do Espírito que a comunidade pode estar cheia de vida e vigor. Dessa forma, por meio do Espírito,

ocorre uma renovação dos dons para a edificação do povo, da comunidade e do mundo. E ainda, essa restauração dinâmica do Espírito fará com que a evangelização seja eficiente no ato de proclamar as “boas novas”, demonstrando que Deus é um ser relacional e que age no mundo (Fee, 1997, pp. 205–207).

Um aspecto prático dessa restauração, segundo o próprio Fee, reside no cultivo de um ambiente eclesial saudável. Ele argumenta que os desafios enfrentados no uso dos dons espirituais podem estar diretamente relacionados à existência de um ambiente e de uma atmosfera inadequados. Ele argumenta que os líderes têm a responsabilidade de criar oportunidades que permitam aos membros da comunidade praticar e desenvolver seus ministérios internos. Esse exercício é fundamental para que possam servir uns aos outros de maneira eficaz dentro da igreja e, conseqüentemente, atuar de forma impactante no mundo exterior (Fee, 1997, p. 208).

A ausência desse ambiente equilibrado pode levar a conseqüências severas, um risco corroborado por Lim. Esse autor ressalta que, se houver um desequilíbrio no que tange ao ensino, ao ministério e à adoração, a igreja pode enfrentar dificuldades, pois haverá perdas no impacto do reavivamento, no zelo em servir; segundo ele, os membros ficarão egoístas e correrão o risco de cair na frieza espiritual (Lim apud Horton, 1996, p. 476). Por isso, os dons são tão necessários para que o corpo se mantenha saudável e a igreja opere em pleno potencial.

Um dos sintomas mais claros desse desequilíbrio é a imaturidade no exercício dos dons, conforme salienta Storms. Um dos desafios apontados por Storms em relação aos dons espirituais é a atuação de pessoas imaturas que manifestam dons falsos, o que gera frustração e descrédito na comunidade. Diante disso, o autor sustenta que toda manifestação espiritual deve ser submetida ao crivo da Palavra de Deus (2016, p. 32).

Além disso, outro desafio que as igrejas pentecostais podem enfrentar refere-se ao discernimento, uma vez que seus cultos seguem uma liturgia espontânea, na qual se crê que o Espírito pode intervir a qualquer momento. Entretanto, mesmo em meio a essa liberdade, é essencial que os líderes possuam a capacidade de discernir para identificar quando uma manifestação se origina de impulsos meramente humanos, a fim de corrigir condutas inadequadas e controlar os excessos. A ausência desse discernimento pode resultar em desordem, tornando o culto passível de críticas e rejeição. Mesmo que ocorra eventuais abusos, “[...] a igreja procura dar lugar aos movimentos do Espírito” (Menzies e Menzies, 2002, p. 234).

A descrição de Menzies e Menzies (2002) sobre os cultos pentecostais como possuidores de uma "liturgia espontânea" evidencia a herança direta do Avivamento da Rua Azusa. Contudo, o texto também salienta um desafio inerente a esse modelo: a necessidade de discernimento para com as manifestações espirituais, conforme alerta Storms (2016). Essa necessidade gera uma tensão constante entre, de um lado, a ordem e a busca pelo fruto do Espírito (como o domínio próprio) e, de outro, a espontaneidade e a liberdade do Espírito. É significativo notar que essa dialética entre liberdade carismática e ordem eclesial não é uma contradição contemporânea, mas uma situação igualmente herdada do próprio legado de Azusa.

Diante desses desafios, o alerta de Menzies (2019, pp. 67-68) soa com especial urgência. Segundo ele com base na narrativa de Lucas, a igreja contemporânea enfrenta o risco de perder suas raízes carismáticas e seu chamado apostólico. Isso ocorre porque o falar em línguas representa um sinal destinado à comunidade, com o propósito de encorajá-la a prosseguir em sua missão de proclamar com ousadia as verdades sobre Jesus e seus atos poderosos. Dessa forma, assim como as línguas cumpriram sua função na igreja dos tempos de Lucas e nos tempos de Azusa, elas mantêm seu propósito e relevância atualmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo geral analisar a contribuição do Avivamento da Rua Azusa para a compreensão pentecostal dos dons espirituais. Com base nos resultados encontrados no desenvolvimento do estudo, pode-se afirmar que o objetivo proposto foi alcançado, pois partimos das hipóteses de que as manifestações ocorridas na Rua Azusa, como a glossolalia e o batismo no Espírito Santo, foram cruciais para a estruturação da teologia dos dons. Estas práticas não apenas moldaram a liturgia das igrejas pentecostais, mas definiram sua identidade teológica frente a outras denominações. Esse modelo de espiritualidade foi o motor principal da expansão do movimento em escala mundial e, especificamente, de sua consolidação no Brasil.

Dentre os principais resultados, confirma-se que o ambiente em Azusa, onde Seymour, com seu foco no batismo no Espírito Santo e na evidência inicial do falar em línguas, estabeleceu o padrão de uma prática que, mais tarde, moldaria a teologia pentecostal. Isso porque a experiência carismática, singular desse movimento, com suas manifestações pentecostais, segundo os autores aqui investigados, são evidências de expressões ativas da presença de Deus no meio do seu povo.

A pesquisa também destacou o caráter inclusivo em um contexto de segregação racial, uma vez que os dons espirituais demonstrados por meio do avivamento quebraram barreiras de gênero, classe ou raça. Isso mostrou que o acesso às manifestações e ao poder de Deus não se limita a um grupo específico, pelo contrário, é concedido de forma igualitária a todos. Sendo assim, o que aconteceu em Azusa, forjou e influenciou a prática comunitária das igrejas pentecostais.

Ainda, a pesquisa ressaltou as definições do batismo no Espírito Santo, da *glossolalia* e das demais manifestações pela perspectiva dos autores investigados, que apresentaram a centralidade da experiência e da expectativa sobrenatural, destacando a ênfase missionária e evangelística. Dessa forma, o estudo buscou estabelecer um diálogo teológico que, ao se concentrar na espiritualidade pentecostal, evidencia o amadurecimento do movimento e reafirma a influência central do Avivamento da Rua Azusa no cristianismo contemporâneo.

Por fim, entendemos que o estudo também contribuiu ao descrever as implicações desses dons espirituais para os cristãos pentecostais, ao apresentar a teologia pentecostal em contínuo desenvolvimento, que busca o equilíbrio entre experiência e a teologia. Assim, a principal contribuição está em demonstrar que a teologia pentecostal, principalmente em relação aos dons, não surgiu apenas de reflexões, mas de práticas vivenciadas em comunidade.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Allan. *An Introduction to Pentecostalism: Global Charismatic Christianity*. Cambridge University Press, 2004.
- ARAUJO, Isael de. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2024.
- AVIVAMENTO DA RUA AZUSA-documentário-dublado [S.l.:s.n.], 2016.1vídeo (60min). Publicado pelo canal *Andando no poder*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dDHGONb5G6o&t=188s>. Acesso em: 27 ago. 2025.
- BARTLEMAN, Frank: *A História do Avivamento Azusa*, Editora D'Sena / Worship, 1925b.
- _____. *Azusa Street. The Roots of Modern-day Pentecost*. Bridge-Logos, 1925a.
- BERG, Daniel. *Enviado por Deus: Memórias de Daniel Berg*. Rio de Janeiro: CPAD, 2024.
- BÍBLIA. Português. *A Bíblia Sagrada – Antigo e Novo Testamento*. **João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida**. 4ª ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.
- BLUMHOFER, Edith L. *Restoring the Faith: The Assemblies of God, Pentecostalism, and American Culture*. University of Illinois Press, 1993.
- BRUNO, Giovanni. *Pentecostais e Carismáticos: Compreendendo as diferenças e semelhanças*. Disponível em: <https://bibliotecadopregador.com.br/pentecostais-e-carismaticos/>. Acesso em 07 dez. 2025.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. *As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada*. REVISTA USP, São Paulo, n. 67, p. 100-115, set./nov. 2005, p. 104.
- CONDE, Emílio. *História das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2024.
- FEE, Gordon D.: *Paulo, o Espírito e o Povo de Deus – São Paulo*: United Press, 1997.
- GONÇALVES, José. *A Glossolalia e Formação das Assembleias de Deus: Um resgate histórico e teológico da soteriologia e pneumatologia do início do movimento pentecostal*. E-book. CPAD, 2022.
- HOLLENWEGER, Walter J. *The Pentecostals: The Charismatic Movement in the Churches*. SCM Press, 1972.
- _____. *Pentecostalism: Origins and Developments Worldwide*. Peabody, Mass. Hendrickson Publishers, 1997.

HORTON, Stanley M. Teologia Sistemática: Uma perspectiva Pentecostal. 1. Ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

MACCHIA, Frank D. Batizados no Espírito: Uma Teologia pentecostal global. Rio de Janeiro: Editora Thomas Nelson Brasil, 2024.

MAGENTA, Matheus. O que é ser evangélico? Disponível em: <https://bbc.com/portuguese/brasil-62551290>. Acesso em 07 dez. 2025.

MENZIES, Robert. Glossolalia: Jesus e a igreja Apostólica como modelos sobre o dom de línguas. Natal: Editora Carisma, 2019.

MENZIES, William W; MENZIES, Robert P. No Poder do Espírito: Fundamentos da experiencia pentecostal um chamado ao diálogo. São Paulo: Editora Vida, 2002.

MIRANDA, Éliidi. Heróis da Fé: Evan Roberts. **Revista Graça Show da Fé**. Disponível em: <https://revistashowdafe.com.br/reportagens/herois-da-fe-evan-roberts-262/>. Acesso em 27 out. 2025.

PINHEIRO. Maxwel Fajardo. “Onde a luta se travar”: A expansão das Assembleias de Deus no Brasil urbano (1946 – 1980). Assis, 2015. 359 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2015.

REY, Beatriz Raponi Vence. Entenda o que foram as Leis Jim Crow nos Estados Unidos. Disponível em: <https://politize.com.br/leis-jim-crow/>. Acesso em 30 out. 2025.

SYNAN, Vinson. *The Holiness-Pentecostal Movement in the United States*. Eerdmans, 1971.

_____. O Século do Espírito Santo: 100 do Avivamento Pentecostal e Carismático, Editora Vida, 2020.

VINGREN, Ivar. Diário do Pioneiro. Rio de Janeiro: CPAD, 2024.

WELCHEL, Tommy: True Stories of the Miracles of Azusa Street and Beyond: Re-live One of The Greastest Outpourings in History that is Breaking Loose Once Again, Destiny Image, 2013.